

DAS REMINISCÊNCIAS DAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS ÀS SUAS HISTÓRIAS

MACEDO, Marly – UFPI

FERRO, Maria do Amparo Borges – UFPI

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Acreditamos e defendemos a importância que teve e tem a professora primária no desenvolvimento do contexto societário brasileiro. Portanto, pretendemos buscar no passado informações que favoreçam a compreensão das possibilidades e limites existentes no contexto educacional do presente momento. Daí partimos à construção de uma história mais participada e diversificada, oportunidade em que será evidenciada a presença significativa das professoras primárias¹, indispensáveis na tarefa de educar, mas, silenciadas da história da educação brasileira.

Diante disso e das reflexões realizadas temos como objetivo resgatar memórias de professoras primárias no cotidiano escolar, que se encontravam em sala de aula nas décadas de 60 e 70 do século XX em Teresina (PI), zona urbana e rural, buscando apreender, através de suas experiências pessoais e profissionais, do seu ingresso e formação no magistério, bem como das suas práticas pedagógicas, elementos que possam ampliar e enriquecer a historiografia da educação piauiense e brasileira.

Para melhor compreensão dessa problemática, buscamos a participação efetiva das professoras primárias, sujeitos da referida pesquisa, oportunidade que estão tendo de fazer história, contando suas próprias histórias. “Ao contar histórias, as professoras entrevistadas se transfiguram, voltam a um passado, revivem-no, seus olhos brilham ao descobrir que o que viveram teve importância, está sendo pesquisado e não será perdido pela História”. (FREITAS, 2000, p.13).

Mas, que importância têm suas histórias, visto não se tratar de “grandes” personagens históricos? Quem eram, afinal, as professoras primárias? Por que ingressaram no magistério primário? Qual a sua formação pedagógica? Como desenvolvem as práticas pedagógicas? Qual o valor social do seu trabalho na construção da história da educação brasileira?

¹ Professoras primárias – embora a expressão esteja em desuso ainda é atribuída às professoras que trabalham com a Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries).

São muitos os questionamentos frente a um “novo” que queremos construir. Para melhor entendermos esse cenário que envolve a professora primária, nos fundamentamos, em teóricos como Heller (1989), Catani (2003), Nóvoa (1995), Souza (2000), Ferro (2000) e outros estudiosos que têm contribuído na perspectiva de novas descobertas. Com essa nova possibilidade de construção histórica, inerentes às atividades humana, buscamos nos orientar nas teorias de Chartier (1990), Burke (1992), dentre outros que lutaram pela possibilidade do homem se libertar através de suas ações.

Portanto, enveredar pelas memórias docentes, é dar asas à imaginação das professoras pesquisadas através de suas astúcias, episódios circunstanciais, imprevisibilidades cotidianas, constituídas de singularidades, impregnadas de vivências e experiências de um passado retido em suas memórias. Halbwachs (1990, p. 60) afirma:

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto.

A partir dessa perspectiva, imaginamos que ninguém melhor do que o próprio protagonista para falar do que viveu e experienciou. “Há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; e dizemos: “ Só eu senti, só eu compreendi”. (BOSI, 2001, p. 408).

O ingresso das professoras entrevistadas no magistério é um resgate de suas memórias que se constituíram em histórias, expressadas por significados construídos culturalmente pelos sujeitos, em determinado tempo e lugar. “ O tempo também marcou nossas histórias. Não nascemos professoras, nem nos fizemos professoras de repente. O fazer-se professora foi-se configurando em momentos diferentes de nossas vidas.” (FONTANA, 2000, p. 122).

Daí, haver uma certa interferência nas tomadas de decisões, até mesmo daqueles que já sabiam o que queriam. Vejamos o que tem a depoente para nos dizer sobre a escolha de sua profissão.

Eu toda vida tive vontade de ser professora. Era a minha vocação. Desde pequena que queria ser professora. Toda vida. E cresci. Meu pai não queria. Não queria que eu fosse ser professora. Eu chorei muito no dia que disse que queria que a minha profissão fosse de escrituração mercantil, naquela época. Aí então, ele disse que eu ia trabalhar no escritório, e tudo, e que eu não ia ser professora. Ah! Mais eu chorei, comecei a chorar e ele falando. Aí minha mãe disse: “A Hilma está chorando”. Ele perguntou: “O que ela tem?” “Porque você falou que ela não vai ser professora”. Como ele foi sempre caído por mim [...]. “Ah! Não”. Me chamou, me abraçou. “Não minha filha, você vai ser professora”. “Você quer ser professora?” Quero, sim Senhor. “Pois você vai ser professora”. (Profª3).

A atitude do pai em relação à filha retrata uma relação de afetividade e de respeito, surpreendente para a época, ainda, marcada pelo poder patriarcal. Sobre essa decisão profissional, raramente, os filhos decidiam sozinhos, principalmente a mulher que aprendeu a ser submissa e a acreditar na sua fragilidade como empecilho de tomadas de atitudes sobre si própria.

Historicamente essa concepção de controle excessivo da família sobre a mulher, data desde o período colonial, em que esta era considerada propriedade do pai, irmão e, posteriormente, do marido. Isso se dava porque “O sistema patriarcal instalado no Brasil colonial, sistema que encontrou grande reforço na Igreja Católica que via as mulheres como indivíduos submissos e inferiores, acabou por deixar-lhes, aparentemente, pouco espaço de ação explícita”. (DEL PRIORE, 2003, p. 9). Passados longos séculos ainda encontramos na sociedade brasileira resquícios que marcam a submissão da mulher, vista como incapacitada para direcionar sua vida.

Esta constatação é feita através da fala da professora diante da imposição do pai, sobre a escolha da profissão da filha.

Quando eu voltei de União aí o papai disse: Agora, você vai fazer o curso pedagógico de professora. Aí eu disse: eu não quero ser professora. Eu queria ser era enfermeira. Agora veja por que? Porque não existia o curso de enfermagem em Teresina. Só existia a Ana Nery no Rio de Janeiro, e eu queria ir embora. Eu queria sair de perto do papai, da mamãe. Daquele domínio dele, daquelas coisas que na minha cabeça funcionava como negativo. [...]. Você vai fazer o teste lá na Escola Normal e você vai estudar lá. Papai, eu não vou estudar. Vai, aí eu fui e tá bom. Eu não podia questionar com o meu pai. Antigamente a gente não questionava tanto, mas na minha cabeça... (Profª1)

Já uma outra depoente ao ser solicitada para falar como foi a escolha da sua profissão ela diz:

De fato, não teve assim, uma opção não. Foram as circunstâncias. Porque o meu pai era lavrador, a minha mãe, só cuidava mesmo de casa, eles não tinham é, nenhuma renda. A agricultura era só de sobrevivência mesmo. Então, eu não tive opção, foi o que... a oportunidade foi dada por essa. Porque a gente tinha uma bolsa. Eu fiz porque tinha uma bolsa pra fazer, senão... A gente recebia uma bolsa. Então não foi assim... eu não tive opção. (Profª5)

O relato da depoente não caracteriza bem uma escolha, haja vista, a ausência de outras oportunidades profissionais. Morando em um povoado onde não tinha escola, nem meios de comunicação que auxiliasse no conhecimento de outras profissões. Assim, por forças das circunstâncias, a depoente se tornou professora.

Para Magda Soares, o sujeito está imerso no movimento das idéias de seu tempo, confundido na trama interativa – ele é o seu tempo. O sujeito é produto da herança cultural, da história. Vivendo contribui para o curso da história, ao mesmo tempo em que é por ela condicionado. O processo em que alguém se torna professor(a) é histórico, ensina-nos ela, mesmo sem o pretender. (FONTANA, 2000, p. 48-49)

Impossibilitadas de pensarem em outras profissões, pela ausência de informações e, sobretudo, pela precariedade das condições financeiras da família, a maioria das professoras entrevistadas não têm quase opção de escolha quanto a sua vida profissional.

Esses aspectos são apresentados na fala da depoente quando solicitada, para falar do anseio por outra profissão.

Eu não pensava em outro trabalho. Pra mim, meu trabalho mesmo, seria este de dar aulas. E continuei assim, não tinha nem o 2º grau. Mas naquele tempo quando a gente terminava o 5º ano, junto com o exame de admissão era uma pessoa que já estava bem adiantada. (Profª 6).

Parece que a opção em ser professora se dava pela falta de opção diante da escassez de outras profissões existentes na época, bem como pela representação ideológica de que o magistério era a profissão mais adequada à mulher. Para maiores esclarecimentos, quanto à escolha do magistério Gouveia (1970, p. 34-35) afirma “de que o magistério foi uma das primeiras, se não realmente a primeira, profissão respeitável a que a mulher pôde se dedicar”.

É importante lembrar que as professoras entrevistadas possuem uma riqueza grandiosa de fé, esperança, coragem, otimismo e determinação, que parece terem sido cultuados, inicialmente pelo ambiente familiar, diante dos valores culturais que lhes foram repassados na formação humana e, se fortaleceram nas suas vivências e experiências

cotidianas. Isso, certamente, contribuiu para que as tornassem batalhadoras e vencedoras, apesar dos obstáculos que a vida lhes apregoou. Professoras que enfrentaram o magistério primário não só como profissão, mas também, como missão e vocação representadas pelas ações que desenvolveram no dia-a-dia das salas de aula. Essas professoras, através de suas memórias nos conduziram a mergulhar num passado, que só a elas pertencia, emergindo desse passado, histórias vividas que, num passe de mágica, estão sendo construídas, através de suas falas nesse processo de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 7. ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

CATANI, Denice Bárbara et al. **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, S.A. Memória e Sociedade, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil Colonial**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura Escolar e História da Educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas**. 2000. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2000.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção (org.). **Memórias de Professoras: história e histórias.** Juiz de Fora, MG: UFJF, 2000.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de Amanhã: um estudo de escolha ocupacional.** Rio de Janeiro, GB. INEP, 1965.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, p. 11-30.

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de. **Escola e Memória.** Bragança Paulista: IFANCDAPH/EDUSF, 2000.

DAS REMINISCÊNCIAS DAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS ÀS SUAS HISTÓRIAS.

APRESENTAÇÃO

OBJETIVOS

FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA

FUNDAMENTAÇÃO
METODOLÓGICA

RESULTADOS
PARCIAIS

BIBLIOGRAFIA